

# Constructos em narrativas do ser e do se fazer docente

Constructs in narrative of being and doing teaching

Tamires de Souza Ramos<sup>1</sup>

Nívia Magalhães da Silva Freitas<sup>2</sup>

Elinete Oliveira Raposo<sup>3</sup>

Nadia Magalhães da Silva Freitas<sup>4</sup>

## Resumo

As memórias representam um recurso de (re) significação do passado que na relação dialógica com o presente se reconstrói. Interessa-nos aqui ponderar sobre as histórias, as lembranças e as memórias de escolarização, no sentido de responder a seguinte pergunta de pesquisa: que aspectos são revelados do processo de escolarização, de alunos em formação inicial, que expressam os significados do ser e do se fazer docente? O trabalho de pesquisa configurou-se como pesquisa-ação, no âmbito do módulo de Prática de Ensino I, junto a dez licenciandos do Curso de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Pará. No contexto aqui adotado, a narrativa escrita, materializada em um memorial de formação, constituiu-se opção metodológica de pesquisa, na constituição dos dados e de formação de professores. Nas narrativas escritas, os alunos ganharam crescentemente voz, refletiram sobre si mesmos, expondo sua objetividade e subjetividade, exprimiram aspectos afeitos do ser e do se fazer docente.

**Palavras chave:** Memórias; Narrativas; Memorial de Formação; Formação de Professores.

## Abstract

The memories are a resource of (re) signifying the past that in the dialogic relationship with the present rebuilds the past. Interests us here ponder the stories, memories and the memories of schooling in order to answer the following research question: which aspects are revealed in the schooling process of students in initial training that are elements which express the meanings of being and doing teaching? The research was configured as action research, under the Teaching Practice Module I, with ten undergraduates of Biological Sciences Course of the Federal University of Pará. In the context adopted here, the written narrative, embodied in a training memorial, constituted methodological search option, in the constitution of the data, and teacher training. In the written narratives students increasingly gained voice, reflect on themselves, exposing their objectivity and subjectivity, expressed ways of being and doing teaching.

**Keywords:** Memories; Narratives; Memorial training; Teacher training.

---

<sup>1</sup> aivyly\_tamy@hotmail.com

<sup>2</sup> nivia\_medvet2002@yahoo.com.br

<sup>3</sup> elineterr@gmail.com

<sup>4</sup> nadiamsf@yahoo.com.br

## Introdução

A formação de professores, hoje, constitui-se um campo de estudo, uma área de conhecimento. Certamente, contribuindo para desvelamento de aspectos importantes para a qualificação da educação. Interessa-nos aqui ponderar sobre um instrumento de formação que se propõe reflexivo e crítico. Trata-se do memorial de formação, cujo objetivo é apreender as histórias, as lembranças e as memórias de escolarização, em forma de narrativas. A perspectiva é revelar as aprendizagens e as experiências vividas na ambiência escolar (WEFFORT, 1996).

As memórias representam um recurso de (re) significação do passado que na relação dialógica com o presente se reconstrói, portanto, configura-se como um processo de autoconhecimento. Como pondera Bragança (2011, p. 158),

[...] pensar a formação traz o humano para o centro de nossa reflexão. Enquanto sujeitos históricos, construímo-nos a partir das relações que estabelecemos conosco mesmos, com o meio e os outros homens e mulheres, e é assim, nessa rede de interdependência, que o conhecimento é produzido e partilhado.

É bem verdade, que o processo educativo não se limita única e exclusivamente as instituições educacionais, decorre de toda a vivência e a experiência de vida em múltiplas interações. Nesse sentido, Prado e Soligo (2005, p. 59) referem que,

[...] o memorial de formação é uma forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões que vem se mostrando imprescindível, não só para tornar público o que pensam e sentem os profissionais e futuros profissionais, mas também para difundir o conhecimento produzido em seu cotidiano.

Na construção de narrativas, “[...] os professores reconstroem suas próprias experiências de ensino e aprendizagem e os seus percursos de formação” (REIS, 2008, p. 20), constituindo-se ferramenta na formação de professores, pois como referem Passos (2010, p. 150),

Os textos narrativos possibilitam identificar, compreender e analisar como se dá o processo de produção de conhecimento ainda na formação inicial. Uma pessoa, quando produz narrativas, pode destacar situações positivas ou negativas, reforçar influências que tenham muitos significados.

Segundo ainda a autora supracitada, é nesse processo de escrita que o aluno, professor em formação, começa a se constituir docente; no momento em que refletem sobre sua forma de pensar e de agir, observam sua motivação e o modo como pretendem atuar em sua sala de aula. É, principalmente, quando assumem uma postura crítica e reflexiva frente ao seu (futuro) papel como docente.

É nesse contexto, que o objetivo do presente artigo é apresentar os resultados de uma investigação que se conduziu pela seguinte questão de pesquisa: que aspectos são revelados do processo de escolarização, de alunos em formação inicial (licenciandos em Ciências Biológicas), que expressam os significados do ser e do se fazer docente? Ao mesmo tempo, procuramos refletir sobre a importância das narrativas e do memorial de formação na formação de professores.

Este artigo está organizado em quatro partes: a primeira, constituída desta Introdução, apresenta, em linhas gerais, o tema de estudo, mas, principalmente, a pergunta de pesquisa que conduziu a investigação. Na segunda parte, fazemos uma abordagem à narrativa, como recurso metodológico importante na formação de professores. A terceira parte apresenta o memorial de formação como um instrumento útil ao registro das narrativas. Os caminhos metodológicos estão referidos na quarta parte, com destaque aos dispositivos mobilizados para desencadear as narrativas. O conjunto de resultados é apresentado na quinta parte, com o título Constructos em narrativas: o que estes revelam? Por fim, na sexta parte, apresentamos nossas considerações finais.

## Narrativas na formação inicial de professores: contribuições para o desenvolvimento pessoal e profissional

A utilização da narrativa, como um recurso metodológico no desenvolvimento pessoal e profissional de professores, em formação inicial, vem crescendo cada vez mais; e, por sua vez, adquirindo importância relevante (SOUSA; CABRAL, 2015; MENDES, 2011; PAPI; MARTINS, 2009; REIS, 2008; SANTOS, 2008; OLIVEIRA et al., 2006). As narrativas no campo da educação têm sido usadas para a construção de conhecimentos, desenvolvimento de capacidades e de atitudes, no desenvolvimento pessoal e profissional de professores e, ainda, na investigação educativa (GALVÃO, 2005; CHAVES, 2004/2005; ROLDÃO, 1995).

Além do mais, temos que reconhecer que a “[...] narrativa faz parte da história da humanidade e, portanto, deve ser estudada dentro dos seus contextos sociais, econômicos, políticos, históricos, educativos” (SOUSA; CABRAL, 2015, p. 150). Assim entendendo, ao utilizarmos as narrativas como recurso de formação, o professor em formação, ao contar um fato que faz parte do seu percurso, faz mais do que contar um simples fato, ele acaba por modificar o seu modo de pensar e de agir, tendo uma percepção mais crítica e reflexiva a respeito da profissão (REIS, 2008).

Ao escrever, esse professor em formação permite-se questionar a respeito das suas capacidades, competências e ações, ao mesmo tempo em que toma consciência do que já sabe e o que ainda precisa saber. E, assim, assume compromissos e projeta seus ideais tanto profissionais quanto pessoais. É com essas perspectivas que passamos a “[...] tomar consciência do quanto sabemos e nem sabemos que sabemos. E do quanto ainda não sabemos, mas podemos com certeza aprender” (PRADO, CUNHA; SOLIGO, 2006, p. 29). Podemos referir, apoiadas em Bragança (2011, p. 158), que “[...] ao mesmo tempo em que reencontramos a nós mesmos [conhecendo a nós mesmos] [...] abrimo-nos ao outro, ao universo”.

Neste ponto, temos a destacar a importância não somente da narrativa escrita, mas também da narrativa no âmbito da oralidade, uma vez que no momento em que o futuro professor, ao compartilhar experiências e reflexões com os demais futuros professores, permite a discussão e a análise das suas narrativas favorecendo, assim, o conhecimento de suas apreensões sobre o ensino e a aprendizagem, entre outros aspectos. Dessa maneira, os demais ouvintes retiram dos conteúdos compartilhados, por meio das narrativas, aquilo que consideram mais significativos para si (REIS, 2008). Decerto, contribui para que os alunos aprendam uns com os outros, em diferentes contextos e situações. Como ressaltado por Passos (2010, p. 152),

As narrativas expressam experiências, memórias e reflexões vividas e, no caso dos futuros professores, tornam-se importante instrumento para que possam difundir o conhecimento produzido no cotidiano – que passa a ser valorizado.

Portanto, o uso da narrativa, seja ela escrita ou oral, no processo de formação inicial de professores, também colabora para a autoformação, possibilitando perceber aspectos constitutivos pessoais e aqueles contribuintes para o seu fazer e ser docente.

## Memorial de formação: histórias inscritas

As narrativas podem ser apresentadas segundo alguns gêneros, a saber: diários de aula, notas de campo, memoriais, cartas pedagógicas, entre outras formas de expressão (SOUSA: CABRAL, 2015). Na presente pesquisa adotamos o memorial. Mas, então, o que é um memorial? Assim, para responder tal questão nos valem da ideia de Prado e Soligo (2005), ou seja, um memorial de formação nada mais é que uma maneira de narrar nossa história e analisá-la de forma crítica e autocrítica – é um espaço para expor os sentimentos que ficam na memória e preservar a nossa história do esquecimento.

Ainda para Prado e Soligo (2007, p. 57), o memorial é uma “[...] forma de registro de vivências, experiências, memórias e reflexões”. Podemos utilizar também o conceito dado por Severino (2001, p. 175), a saber:

O Memorial se constitui numa autobiografia, histórica e reflexiva. Deve ser composto sob a forma de relato histórico, analítico e crítico, que dê conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor.

Nos termos de Abrahão (2004, p. 203), o texto (auto)biográfico constitui-se uma “[...] forma de história autorreferente, portanto, plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais”. Ainda para Abrahão (2004, p. 203),

As (auto)biografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, àquele que narra sua trajetória.

Nesse contexto, podemos referir que o memorial de formação se mostra como um instrumento de grande valor na formação de professores, uma vez que ao utilizarmos à escrita acabamos por favorecer a reflexão, aspecto importante na formação de professores. Ademais, temos que o memorial de formação “[...] para além da contribuição nos processos de investigação, coloca-se, nomeadamente, por seu potencial de formação” (BRAGANÇA, 2011, p. 158). Como nos diz Prado e Soligo (2005, p. 56),

Ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam. Vamos nos inscrevendo numa história que não está mais distante e, sim, impregnada das memórias que nos tomam e da qual muitos outros fazem parte.

Em linhas gerais, podemos dizer que o memorial de formação visa à formação de um professor reflexivo, profissional enfatizado por Nóvoa (2000), Alarcão (2011), Schön (2000), entre outros.

A partir do momento que escrevemos um memorial sobre nós mesmos, ele se apresenta como uma narrativa autobiográfica, no qual escrevemos sobre fatos ou situações que aconteceram em nossas próprias vidas. Ao nos valermos da memória, podemos compreender o passado para entender o presente, e ponderar sobre as recordações, por exemplo, das nossas experiências escolares, no momento da nossa formação como professores.

Mas, não é somente a história escolar que vem quando nos propomos a escrever sobre nós mesmos, também vem à questão da nossa origem, história de vida, aspectos emocionais, a visão da própria escola, mas também do professor. Recordar o nosso passado se mostra uma ferramenta de valor imensurável, conforme nos diz Soligo e Prado (2005, p. 55), a saber:

Ao narrar visitamos o passado, na tentativa de buscar o presente, onde as histórias se manifestam, trazendo à tona fios, feixes que ficaram 'esquecidos' no tempo. O que buscamos, nesse momento, não é somente trazer informações sobre nossa história, mas sim estimular em todos que delas se sentem parte integrante, personagens, o despertar de outras histórias, para que se produzam outros sentidos, outras relações, outros nexos.

É por meio da narrativa autobiográfica, que o professor em formação poderá ter um olhar mais profundo de como exercerá sua docência, aprendendo com suas experiências, por meio das recordações que são referenciais no decorrer de sua vida. Decerto, permitindo-lhe entrar em contato e compreender melhor sobre a sua subjetividade, lembranças e sentimentos. Josso (2004, p. 40) reforça essa ideia com as seguintes observações:

As recordações-referências [...] são simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos da sua formação. [...] significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível que apela para as nossas percepções ou para imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentido ou valores [...].

Então, o memorial de formação é um instrumento que nos proporciona conhecer melhor esse profissional que está sendo formado e, desta maneira, auxiliá-lo em sua própria formação. E, ao buscar o entendimento de si se sentirá construtor da sua própria história. De acordo com Passos (2010, p.135),

Conhecer o contexto de formação dos professores é penetrar na constituição de suas identidades e subjetividades, pois o professor, ao relatar a sua história de vida, sistematiza acontecimentos significativos no seu processo de formação e subjetivação.

Entendemos que a história de cada aluno, futuro docente, mostra-se importante no processo de formação inicial. Isso porque, ao considerá-la, o aluno reflete e se conhece melhor, estruturando os aspectos fundamentais do ser e do se fazer docente.

## Caminhos metodológicos

O trabalho ora apresentado enquadrou-se na modalidade qualitativa (MINAYO, 2008). Por sua vez, configura-se como uma pesquisa-ação, nos termos de Barbier (2007) – uma

vivência, permeada por reflexões e análises empreendidas sobre a ação, precisamente no contexto da disciplina Prática de Ensino I, do Curso de Licenciatura em Biologia, da Universidade Federal do Pará, na apreensão das memórias e das histórias de escolarização, junto a 10 licenciandos (identificados com as iniciais do nome e sobrenome), participantes deste estudo. No contexto aqui adotado, a narrativa escrita, materializada em um memorial de formação, decorrentes das ponderações sobre si, sobre o outro, do ser e do se fazer docente, inclusive apreensões do processo de socialização das narrativas escritas, constituíram-se, no conjunto, opção metodológica de pesquisa, na constituição dos dados, e de formação de professores.

Para a constituição dos dados de pesquisa recorreremos a dispositivos visuais como textos e filmes, os quais, de certo modo, representaram “questões-chave”, no sentido de estimular os alunos a dar início às escritas, ou seja, desencadear constructos, propriamente dito. Para fins deste trabalho, referimos o uso do artigo “Conta-me agora. As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino”, de autoria de Maria Izabel da Cunha (1997) e de capítulos do livro “Meu professor inesquecível: ensinamentos e aprendizados contados por alguns de nossos melhores escritores”, organizado por Fanny Abramovich (1997). Quanto ao filme, utilizamos “Escritores da Liberdade” (*Freedom Writers*)<sup>4</sup>. Em todos os casos, as narrativas escritas foram registradas no memorial de formação.

Recorremos à análise textual discursiva como o recurso metodológico para apreciação das narrativas dos sujeitos de pesquisa (MORAES, 2007), De acordo com o referido autor, os textos submetidos à análise são denominados *corpus*, os quais representam as várias vezes que se manifestam sobre o fenômeno investigado. É do *corpus* que são retiradas, durante a análise dos dados, as estruturas a serem utilizadas na elaboração de um novo texto, que em diálogo com autores relevantes para a discussão, dá origem ao metatexto.

## Constructos em narrativas: o que estes revelam?

Na educação, principalmente, os professores precisam ser motivados e estimulados a refletir sobre sua formação escolar. Percebemos que algumas estratégias colaboram eficientemente nesse sentido. Destacamos aqui o memorial de formação. Assim sendo, propusemos exercícios de evocação das memórias escolares e construção de narrativas, na perspectiva de apreender os significados do ser e do se fazer docente, mediado por dispositivos visuais como textos e filme como já referido anteriormente. Destacamos, a seguir, alguns constructos desse processo.

### Uma memória escolar marcante

[...] narrativa (auto)biográfica da vivência escolar torna-se possível desvendar modelos e princípios que estruturam discursos pedagógicos que compõem o agir e o pensar do (a) professor/professora em formação. Isto porque o ato de lembrar/narrar possibilita ao ator reconstruir experiências, refletir sobre dispositivos formativos e criar

---

<sup>4</sup> Filme americano, lançado em 2007, dirigido por Richard LaGravenese, produzido por Danny DeVito, Michael Shambert e Stacey Sher, e protagonizado por Hilary Swank.

espaço para uma compreensão da sua própria prática (SOUZA, 2004, p. 412).

Podemos depreender o quão importante representa as memórias no desvelamento do sujeito, do conhecimento de si e, ao mesmo tempo, do conhecimento do outro e do outro em relação a nós mesmo. Nesse contexto, trabalhamos, inicialmente, com a ideia da narrativa como ferramenta útil, também, na formação de professores. Para tal, valemo-nos do texto de Cunha (1997), para, então, solicitar aos alunos a escrita de uma memória escolar marcante.

Destacamos, a seguir, trechos dos memoriais que revelam as impressões sobre as memórias escolares marcantes ou, ainda, a percepção dos alunos a respeito do papel das memórias de escolarização na formação de professores, a saber:

“Resgatar essa memória me fez deixar um pouco de lado a futura professora e me olhar como aluna [...] acredito que lembrar irá acrescentar muito em minha carreira profissional” (RRC);

“[...] fatos que ocorreram ao longo da nossa escolaridade podem nos marcar profissional e emocionalmente” (ALH);

“[...] colegas de classe narraram sobre seus professores favoritos [como memória marcante] e o quanto eles mudaram e influenciaram suas vidas, inclusive os influenciando a seguir a carreira de docência” (ROF).

“Não importa o tipo de lembrança que cada um tenha tido, essas lembranças de experiências vividas sempre nos ensinam a tirar proveito de possíveis situações que possam passar futuramente” (WGA).

Percebemos nos extratos acima, precisamente dos alunos RRC, ALH e WGA, que rememorar fatos e acontecimentos escolares podem ser ressignificados e, assim, iluminar a futura atuação. De fato, segundo Chamlian (2006, p. 84),

O forte tom da narrativa, escolhido para expressar a intensidade das emoções vividas e para frisar o significado da experiência na formação tem também a intenção de ilustrar uma ideia: a de que a memória e formação podem fazer uma perfeita simbiose, na medida em que se pode construir a formação a partir dos acontecimentos lembrados.

De acordo ainda com Chamlian (2006, p. 84), temos que a “[...] memória ressignifica as experiências para melhor entendermos nossa formação”. Ademais, com observa Abrahão (2004), as narrativas (auto)biográficas representam história autorreferente, plena de significados – o sujeito se desvela para si mesmo e, neste processo, também, se revela para os demais.

Por sua vez, as referências da aluna ROF dão conta que a figura do professor pode refletir na escolha da carreira docente ou até mesmo na construção das suas características pessoais e profissionais. É bem verdade, que muitos alunos espelham-se em seus professores para se fazerem também professores. Para corroborar tal afirmativa, destacamos que “Muitos professores, em suas narrativas, trazem lembranças de docentes que os influenciaram enquanto jovens estudantes, até mesmo na escolha da profissão” (NACARATO, 2010, p. 134).

Pontes (2010, p. 14) reforça essa ideia ao afirmar que “[...] o papel do professor, atualmente, é bastante amplo, englobando múltiplas funções, mas principalmente deve ser consciente do seu papel na vida dos alunos”. Portanto, podemos ponderar que o professor

precisa considerar tal aspecto na sua prática docente, já que se constitui referência para os seus alunos, influenciando, de certa forma, na própria escolha da profissão docente e nos modos de ensino dos futuros professores.

## As narrativas como recurso para o conhecimento de si e do outro

As narrativas, como já discutido anteriormente, têm se mostrado uma ferramenta para motivar os alunos a escreverem sobre suas memórias, experiências pessoais, profissionais e educacionais. Os próprios alunos em formação inicial, nossos sujeitos de pesquisa, assim também percebem o papel que a narrativa tem de auxiliá-los nessa fase de formação. Tal percepção foi também instigada com a leitura do artigo anteriormente citado (CUNHA, 1997). Ressaltamos as reflexões de alguns dos alunos, a saber:

“[...] histórias, lembranças, memória, recordação, faz com que nos conheçamos melhor [...] um processo de autoconhecimento” (BNM).

“[...] cada aluno ficou conhecendo um pouco mais o outro e se identificando com as vivências” (AWSB).

“Nessa aula pude rir, chorar e, principalmente, compreender e conhecer um pouco dos meus amigos de sala de aula e futuro parceiros de profissão. Nunca estive tão dentro da vida dos meus colegas, foi gratificante [...]” (LKRL).

“[...] quando você conta ou ouve alguma coisa, você consegue ter uma melhor noção não só de você, mas das outras pessoas também [...]” (TSR).

“O que foi mais interessante foi ouvir o relato dos colegas da sala, pois a partir daí, passei a conhecer um pouco mais sobre eles, com alguns até me identifiquei um pouco [...]” (TSR).

Apreendemos que o aluno ao escrever, expor sua narrativa, (com)partilhar suas memórias e suas experiências, com um outro alguém, seja um professor ou um amigo de classe, também em formação, favorece a reflexão tanto do próprio aluno quanto daqueles que o escutam. Isso porque, o aluno acaba por se conhecer melhor, e os que ouvem, além de conhecerem o outro, podem identificar-se com os relatos feitos. Em realidade, como observa Saveli (2006, p. 95), essa “[...] tendência do escrever-se tem lugar na historiografia e representa esforços individuais no sentido de construir uma versão longitudinal do si mesmo”. Na nossa percepção, contribui também para descobrir o outro.

Então, o aluno acaba por revisitar o seu passado por meio do memorial, mas com outros olhos, colaborando para o seu autoconhecimento – utiliza o passado para se apropriar das condições que estão sendo propostas agora no presente ou até mesmo das propostas que poderão advir. Saveli (2006, p. 98) corrobora nossa percepção ao dizer que os “[...] professores pinçam, na memória, o fio da sua infância e tecem a escrita de suas características pessoais e profissionais, com os olhos voltados para as exigências do presente”. E, acrescentamos, para o futuro também.

Destacamos mais uma contribuição para a discussão em curso. Consideramos a seguinte observação do aluno RRC: “[...] o compartilhamento de vivências entre o professor e o aluno [...] aproxima afetivamente, colabora na construção de um conhecimento rico”. De fato, o (com)partilhamento das experiências memorísticas, ressaltado pelo referido aluno, tem um valor significativo na construção de um conhecimento relevante, ao considerarmos que “Refletir sobre a importância das trocas entre os parceiros como momentos



significativos no processo ensino-aprendizagem remete, necessariamente, à psicologia sócio-histórica como paradigma de nossas reflexões” (MARTINS, 1997, p. 111).

Portanto, podemos depreender que as narrativas autobiográficas são recursos que produzem conhecimento de si mesmo e do outro. E, permite que cada professor/aluno compreenda as suas experiências, sejam elas pessoais, familiares, educacionais e/ou profissionais. Como nos afirma Souza (2004, p. 410), a narrativa de formação “[...] parte da experiência de si, questiona sobre os sentidos de suas vivências e aprendizagens, suas trajetórias pessoais e suas incursões pelas instituições, no caso, especificamente a escola [...]”. No campo da pesquisa, a produção de novos conhecimentos na apreensão do processo de desenvolvimento do professor é fundamental também (MAGALHÃES et al., 2012; CHAVES, 2004/2005).

## Ideias sobre o professor inesquecível

Para a apreensão das ideias dos alunos acerca do professor inesquecível, quanto as suas características, os seus atributos, entre outros aspectos, procedemos à leitura e à discussão de capítulos do livro “Meu professor inesquecível: ensinamentos e aprendizados contados por alguns de nossos melhores escritores” (ABRAMOVICH, 1997). Posteriormente, solicitamos que escrevessem sobre os seus professores inesquecíveis.

Os alunos explicitaram, nas suas narrativas escritas, os aspectos que os levaram a identificar um ou outro professor como inesquecíveis, precisamente que marcas deixaram. Podemos referir que a maior parte dos alunos referiu a forma positiva como o professor deixa marcas, como é observado nos seguintes excertos:

“[...] eu quero ser uma boa professora e ser lembrada pelos [...] alunos como a professora que fez a diferença na vida deles e que de alguma forma conseguiu mudar a vida deles” (ROF).

“[...] essa atividade foi boa para eu me lembrar de ‘atitudes’ de bons professores, e ter certeza que se eu seguir o caminho da docência é com eles eu quero ser comparada” (ROF).

“[...] um professor pode chamar a atenção do aluno, fazendo com que o mesmo tome gosto pelo estudo” (AWSB).

“[...] estes professores [dos filmes] mostraram o amor pela profissão, assim como os professores da vida real [aqueles dos relatos dos alunos]; até influenciando de forma decisiva a escolha do curso na universidade” (WGA).

“[...] estes [alunos] lembrarão com carinho destes mestres e tenho certeza que seguirão seus exemplos em sala de aula” (WGA).

E para complementar as ideias dos alunos buscamos as palavras de Chamlian (2006, p. 78), quais sejam:

A memória de sua formação, a lembrança dos antigos professores [...] pareceram-nos elementos poderosos na concretização de sua atuação docente. Estávamos diante de carreiras construídas com empenho e também com muito auxílio de mestres, que concretamente ajudaram a construí-las, ou que simplesmente serviram de imagens nas quais esses professores se projetaram.

Castanho (2002, p. 56) também apóia a observação dos referidos alunos ao ponderar, em sua obra, sobre um professor que

[...] marcou pelo modo de dar aula, de fazer a parte prática, o conhecimento que tinha e que transmitia; [...] que era um 'espelho de bom profissional' [...] marcante pela atitude de educador, não ensinando apenas a matéria.

Vemos que o professor pode influenciar os seus alunos, principalmente aqueles que se voltam para o ensino. E, a responsabilidade se mostra enorme. É importante que o professor se mostre reflexivo, no que tange as suas atitudes ou o modo como ensina, já que, conforme ressaltado, o professor, de certa forma, acaba por se tornar "espelho" para os seus alunos.

Citamos anteriormente os "casos positivos" de professores inesquecíveis, no entanto, não podemos deixar de falar daqueles professores que se tornam professores inesquecíveis, aos olhos dos seus alunos, pelos seus "atributos negativos", como pode se depreender das seguintes referências:

"[...] gostaria de ter tido um professor tão inspirador quanto os dos meus colegas" (ALH);

"Aos que lembrarem de forma negativa [dos seus professores], tenho certeza que não seguirão seus exemplos de sala de aula e tentarão ser exatamente o oposto daquele que se tornou inesquecível para eles" (WGA).

Nacarato (2010, p. 134) embasa essas ideias, referindo em seus estudos que "[...] Diferentes autores têm discutido o quanto o professor é influenciado por modelos de docentes com os quais conviveu durante a trajetória estudantil [...]". É fundamental que futuros professores tenham o conhecimento da importância que podem ter na vida dos seus alunos, notadamente aqueles que pretendem a docência.

## A narrativa fílmica contribuindo para a evocação dos significados do ser e do se fazer docente

A evocação dos significados atribuídos do ser e do se fazer docente foi realizada pela mediação fílmica. Os filmes têm se mostraram importantes ferramentas nesse sentido. Isso porque, os alunos ao entrarem em contato com os filmes identificam-se com aquela "realidade em ficção", precisamente com o ambiente escolar, a prática pedagógica de professores-personagens, os problemas enfrentados em sala de aula – todos estes objetos são percebidos e confrontados com a realidade vivida ou a prospecção desta.

Nas evocações advindas do filme "Escritores da Liberdade", um aspecto recorrente no memorial de formação, dizia respeito à questão do papel do professor, notadamente no que se refere à constituição do caráter dos alunos, à difusão de valores, à formação de cidadãos e a fazer a diferença no contexto de sala de aula, entre outros aspectos, a saber:

"Sempre pensei na grande responsabilidade que os professores tinham na formação do caráter dos seus alunos [...]" (ALH);

"O bom professor é aquele que ensina muito mais que apenas conhecimento, ensina valores como respeito, responsabilidade, honestidade, etc." (ASB);

“Não basta dominarmos o assunto e dá uma aula totalmente técnica. Professor, antes de tudo, é um formador de cidadão” (RRC);

“Acho que [...] o mais gratificante em ser professor, você poder fazer a diferença na vida de pessoas que no futuro serão doutores, pesquisadores, advogados e médicos” (LRL);

“[...] a principal lição que tirei foi: como professora preciso fazer a diferença” (RSC);

“O que eu mais gostei nesse filme foi o modo de como ela ‘adotou’ os seus alunos junto com os seus problemas e conseguiu reverter um futuro de violência, drogas e morte e deu um pouco de esperança e a possibilidade de um futuro muito melhor” (LKL);

“[...] importante dizer que foi a partir desse filme que eu passei a ter realmente vontade de dar aula e também fazer parte de algo como eu vi nesse filme. Independente de quanto eu irei receber. A vontade de fazer a diferença é maior e mais gratificante” (LKL);

“Senti-me ainda mais decidido a continuar na profissão que escolhi, ser professor, educador, e contribuir para o desenvolvimento de educandos [...]” (WGA);

“Sempre me coloquei como o detentor da verdade, como alguém que está acima daqueles a quem estou repassando um determinado conhecimento, mas com a disciplina e o filme pude perceber que devo ser um amigo dos educandos e mostrá-los o melhor caminho que devem seguir para que possam transformar suas vidas para melhor” (WGA);

“Motivar os alunos é um dos papéis fundamentais do professor, e é de extrema importância que o professor busque entender as dificuldades dos alunos e também procurar saber o que causa tal dificuldade” (ACS);

“Esta professora decidiu fazer a diferença, por se envolver emocionalmente com seus alunos e realmente se importar com os problemas que estes enfrentavam, entender os seus alunos” (WGA).

Muitas discussões podem ser realizadas a partir dos excertos acima destacados. Iniciaremos afirmando, apoiados em Lopes (2011, p. 11), que é necessário que a relação “[...] professor-aluno-conhecimento provoquem na vida do indivíduo que aprendem uma mudança que o faça sentir um ser social dotado de capacidade de aprendizagem ainda que por caminhos diferenciados dos demais”, aspecto amplamente destacado pelos alunos. É bem verdade, que como professores “[...] não somos tudo, é claro, mas temos uma grande influência, ou podemos tê-la, na vida de nossos alunos” (MORALES, 2006, p. 40).

No entendimento dos alunos, o professor tem como propósito e a responsabilidade de formar cidadãos. Segundo ainda Morales (2006, p. 39), o professor pode, em relação aos alunos, “[...] influir também no desenvolvimento moral, no discernimento dos próprios valores e no discernimento para saber o que eles querem fazer com suas vidas”.

Os excertos apresentados nos levam a pensar que os mesmos valorizam as práticas da professora-personagem, e pensam que também podem fazer o diferencial na vida de seus futuros alunos, intervindo de maneira significativa na leitura do mundo. Freire (2011, p. 96) enfatiza que “[...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo.” É bem verdade que atualmente, o “[...] fazer docente enfrenta

empecilhos que o desafia a uma ação pedagógica diferenciada, visto que a escola está mergulhada, como parte, de uma sociedade que, por si só é geradora de exclusão” (BARBOSA, 2004, p. 10).

Entretanto, entendemos que os professores não têm o papel apenas de ajudar no aprendizado de seus alunos, na ampliação dos seus conhecimentos, ou seja,

[...] o papel do formador/professor assenta não só na transmissão de conhecimentos, mas também, na capacidade de organizar situações de aprendizagens que coloquem os alunos em condição de enfrentar com a ajuda adequada, prosseguindo o desenvolvimento da sua autonomia e essa meta capacidade, tão apreciada de aprender a aprender e de aprender ao longo da vida (DIAS, 2008, p. 22).

Também observamos nos extratos apresentados, que os alunos fazem menção a afetividade e a preocupação com que a professora do filme mostrava ter com os seus alunos. Podemos depreender que na percepção dos alunos, laços de carinho, confiança, amizade se mostram importantíssimos no contexto escolar, ou seja, na relação professor e aluno. De fato,

[...] o bom professor sabe dar segurança, é próximo e familiar, é sensível às necessidades dos alunos, dá ajuda extra, não discrimina, auxilia os que vão pior, é humilde e reconhece os próprios equívocos [...] os bons professores estão bem preparados, são pessoas educadas e respeitadas, muito motivadas e dedicadas à sua profissão, preocupam-se de maneira autêntica com os alunos, os estimulam e ensinam a estudar, atendem as necessidades particulares, utilizam o reforço positivo (sabem elogiar, ressaltar os êxitos...), tiram partido dos interesses e habilidades particulares dos alunos, buscam objetivos a longo prazo para seus alunos (MORALES, 2006, p. 33).

Percebemos, então, a partir das análises precedentes, que os alunos em processo de formação, ao serem tocados pela narrativa fílmica, almejam empenhar-se no seu fazer docente, agregando aspectos que considerem uma formação cidadã, uma formação mais humana, impregnada de valores e de afetividade. Certamente, isso refletirá em um melhor processo de ensino e de aprendizagem. Em linhas gerais, então, podemos referir que professores em formação, também, constroem “[...] seus saberes a partir das relações que se estabelecem nos espaços de inserção, as diferenças pessoais, morais, éticas, religiosas, formativas dentre outras, instituem e ou fortalecem as especificidades e singularidades [...]” (PAIM, 2013, p. 97). E, assim sendo, podemos referir que o recurso do memorial (com as narrativas inscritas) contribuiu para a configuração de uma ambiência ímpar para a formação inicial de professores.

## Considerações finais

Na formação inicial de professores, além de outros aspectos, o autoconhecimento é fundamental. Para tal, algumas questões precisam ser apreendidas, problematizadas, para, então, serem adequadamente internalizadas na perspectiva de constituição do sujeito docente. Podemos arriscar na apresentação de algumas delas, a saber: “por que quero ser professor?” “O que me motivou a ser professor?” “Que tipo de professor eu quero ser?” As

respostas para tais questões só serão conhecidas se forem buscadas densamente e mediadas por intensas reflexões.

No uso do memorial de formação, precisamente pelas narrativas escritas, percebemos que os alunos ganharam crescentemente voz. No processo de escrita, os alunos puderam refletir sobre si mesmos, expondo sua objetividade e subjetividade, exprimiram aspectos afeitos do ser e do se fazer docente. Ao compartilharem suas memórias, os alunos, além de se conhecerem melhor, pensavam o presente e perspectivavam o futuro. Nesse processo, faziam-se, também, conhecer melhor pelos seus colegas de classe, também futuros profissionais. E, essa troca de experiências permitiu que cada um se apropriasse da experiência do outro, o que colaborou na formação do coletivo.

Ao ouvir o relato e o posicionamento uns dos outros, os alunos se deixaram envolver pelas discussões e pelas experiências vividas, o que suscitou reflexões e aprendizado. Em seus escritos, os alunos relatam que a socialização das memórias, ou seja, a apresentação das suas narrativas escritas, aproximaram o conjunto de alunos, pois favoreceu o conhecimento do outro, notadamente em suas qualidades, fragilidades, vivências e experiências de superação pessoal. Apreendemos que os (futuros) professores se (re) constroem por meio das suas histórias de vida, das suas vivências e das suas experiências, em um processo dinâmico de (com)partilhamento.

## Referências

ABRAHÃO, M.H.M.B. Pesquisa (auto)bio-gráfica – tempo, memórias e narrativas. In: ABRAHÃO, M.H.M.B. (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 201- 224.

ABRAMOVICH, F. **Meu professor inesquecível: ensinamentos e aprendizados contados por alguns dos nossos melhores escritores**. São Paulo: Gente, 1997.

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Livel Livro, 2007.

BARBOSA, M. S. S. **O papel da escola: obstáculos e desafios para uma educação transformadora**. 2004. 234 f. Dissertação. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

BRAGANÇA, I. F. de S. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, 2011.

CASTANHO, M. E. Professores de ensino superior da área da saúde e sua prática pedagógica. **Interface**. Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v. 6, n. 10, p. 51-62, 2002.

CHAMLIAN, H. C. As histórias de vida e a formação do professor universitário. In: SOUZA, E. C. de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 75-92.

CHAVES, S. N. Memórias de formação: reminiscências de formadores de professores sobre suas maneiras de ver e de ser na docência. **Amazônia – Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, Belém, v. 1, n. 1; v. 1, n. 2, p. 87-92, 2004/2005.

CUNHA, M. I. da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista de Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23, n. 1-2, 1997. DOI <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551997000100010>>.

DIAS, F. M. **Perfil do formador** – um atributo fundamental na melhoria da qualidade do ensino: um estudo de caso. 2008. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Ciências da Educação e Práxis Educativa) - Universidade Jean Piaget de Cabo Verde. Cabo Verde, 2008. Disponível em: <<http://bdigital.cv.unipiaget.org:8080/jspui/handle/10964/192>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v.11, n. 2, p. 327-345, 2005.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOPES, R. C. S. **A relação professor-aluno e o processo ensino-aprendizagem**. Ponta Grossa: Secretaria de Estado da Educação do Paraná; Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2011. (Caderno temático).

MAGALHÃES, E. G. et al. Narrativas de formação: experiências em um curso na modalidade EAD. In: Simpósio Internacional de Educação a Distância (SIED), v. 1, n. 1; Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância (EnPED), Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. 10 a 22 de setembro de 2012. **Anais eletrônicos ...** Disponível em: <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs/Trabalhos/71-899-1-ED.pdf>>. Acesso em: 23 de Jan. 2016.

MARTINS, J. C. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. São Paulo: FDE, 1997. p. 111-122. (Série Idéias n. 28). Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea\\_l.php?t=001](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_l.php?t=001)>. Acesso em: 05 fev. 2016.

MENDES, M. F. Memoriais de formação: narrar-se professor a partir dos saberes cotidianos. In: Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, 10; Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, 1. Pontifícia

Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 07 a 10 de novembro de 2011. **Anais eletrônicos** ... Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5356\\_2866.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5356_2866.pdf)>. Acesso em: 05 dez. 2015.

MINAYO, M. C. de S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 09-29.

MORAES, R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como um processo integrado de aprender e inferir discursos. In: GALIAZZI, M. C.; FREITAS, J. V. (Org.). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2007. p. 85-114.

MORALES, P. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

PAÍM, E. A. Professoras: narradoras de memórias e experiências do trabalho em escolas multisseriadas em Palmitos – SC. **Horizontes**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 89-98, 2013.

NACARATO, A. M. Narrativas (auto)biográficas: artes de conhecer como professores de matemática se constituem profissionalmente. In: SILVA, V. L. G.; CUNHA, J. L. (Org.). **Práticas de formação, memória e pesquisa (auto)biográfica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 131-148.

NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000.

OLIVEIRA, Z. M. R. et al. Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 547-571, 2006.

PAPI, S. O. G.; MARTINS, P. L. O. Professores iniciantes: as pesquisas e suas bases teórico-metodológicas. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 14, n. 27, p. 251-269, 2009.

PASSOS, C. L. B. Narrativas de licenciados de matemática participantes em grupo de estudos. In: SILVA, V. L. G.; CUNHA, J. L. (Org.). **Práticas de formação, memória e pesquisa (auto)biográfica**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 149-166.

PONTES, M. F. G. **Reflexões das professoras em seu estágio final de formação sobre o cuidar e o educar na educação infantil**. 2010. 48 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010

PRADO, G.V.T.; SOLIGO, R. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. (Org.) **Porque escrever é fazer história - revelações, subversões e superações**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2007, p. 45-59.

PRADO, G.V.T.; SOLIGO, R. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, G.V.T.; SOLIGO, R. (Org.). **Porque escrever é fazer história** - revelações, subversões e superações. São Paulo: Gráfica da Faculdade Educação da Unicamp, 2005. p. 47-62.

PRADO, G.V.T.; CUNHA, R. B.; SOLIGO, R. Formação, escrita e produção de conhecimento no contexto da escola. In: VICENTINI, A. A. F.; SANTOS, I. H.; ALEXANDRINO, R. (Org.). **O coordenador pedagógico: práticas, saberes e produção de conhecimentos**. Campinas: Gráfica da Faculdade Educação da Unicamp, 2006. p. 23-34.

REIS, P. R. As narrativas na formação de professores e na investigação em Educação. **Nuances: estudos sobre Educação**, São Paulo. v. 15, n. 16, p. 17-34, 2008.

ROLDÃO, M. C. As histórias em educação: a função mediática da narrativa. **Ensinus**, Santarém, v. 3, p. 25-28, 1995.

SANTOS, S. A narrativa como estratégia de formação e de reflexão sobre a prática docente. **Revista de Teoria e Prática da Educação**, Maringá, v. n. 2, p. 207-217, 2008.

SAVELI, E. L. Narrativas autobiográficas de professores: um caminho para a compreensão do processo de formação. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 94-105, jan.-jun, 2006.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SOUSA, M. G. S.; CABRAL, C. L. O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 149-158, 2015.

SOUZA, E. C. O conhecimento de si, as narrativas de formação e o estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação inicial de professores. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 387-417.

WEFFORT, M. F. et al. **Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I**. 2ª. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.